

Um rio de lembranças: trabalhadores da Renault Île Seguin de Paris em disputa pela memória

Ricardo Medeiros Pimenta^{*}

Resumo:

No ano de 1992 a fábrica Renault da região parisiense de *Boulogne-Billancourt* fechou suas portas colocando milhares de trabalhadores, dos quais muitos imigrantes, em dúvida quanto ao futuro de seus trabalhos e de suas vidas. Não demorou muito, em 2004, cada pedaço de concreto da fábrica havia sido extirpado de um cenário urbano do sudoeste parisiense que devia sua história aos homens e mulheres que ali trabalharam.

Localizada no rio Sena, a Île Seguin é o espaço de luta onde antigos trabalhadores, a própria Renault e o poder público se digladiam em busca do direito à memória. Neste contexto, este artigo, que se apresenta como parte da tese de doutorado em Memória Social já em fase de conclusão, busca analisar esta experiência vivida no âmbito da Associação dos Trabalhadores Renault da Île Seguin (ATRIS) que, buscando uma ação legítima junto à classe que representa, luta pela criação de um “lugar de memória” no espaço onde antes havia a fábrica. Segundo eles, lutando pela preservação de uma “memória viva”, contribuindo para a história e para o futuro; impedindo que se faça tabula rasa da realidade que os trabalhadores viveram, esquecendo parte da História e memória da própria Paris.

palavras-chave: Memória, trabalhadores, Renault, Île Seguin.

Résumé:

Dans l'année de 1992 l'usine Renault de la région parisienne de Boulogne-Billancourt a fermé leurs portes en plaçant des milliers de travailleurs, desquels beaucoup d'immigrés, dans doute combien à l'avenir de leurs travaux et de leurs vies. Il n'a pas retardé beaucoup de, dans 2004, chaque morceau de béton de l'usine avait été retiré d'un scénario urbain du sud-ouest parisien qui devait son histoire aux hommes et femmes qui là ont travaillé. Localisée à le fleuve Sena, l'Île Seguin c'est l'espace de lutte où anciens travailleurs, à propre Renault et au pouvoir public si confronte à la recherche du droit à la mémoire. Dans ce contexte, cet article, qui se présente comme partie de la thèse de doctorat déjà dans phase de conclusion sur la Mémoire Sociale, cherche analyser cette expérience vive dans le contexte de l'Association des Travailleurs Renault de l'Île Seguin (ATRIS) que, en cherchant une action légitime près de la classe qui représente, lutte pour la création d'une « lieu de mémoire » dans l'espace où avant il y avait l'usine. Selon eux, en combattant pour la conservation d'une « mémoire vivant », en contribuant à l'histoire et à l'avenir ; en empêchant qu'il se fasse il présente sous forme de tableaux rase de la réalité que les travailleurs ont vécu, en oubliant partie de l'Histoire et mémoire de Paris elle-même.

Mots-clés: Mémoire, travailleurs, Renault, Île Seguin.

¹ * Ricardo Medeiros Pimenta é Historiador, mestre e doutorando em Memória Social pela UNIRIO (bolsista CAPES demanda social) com estágio de doutorando na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) com bolsa CAPES. É Professor-tutor da licenciatura (EAD) em História pela UNIRIO.

I. Introdução

A memória social vem sendo, já por alguns anos, amplamente discutida por diferentes campos de estudo onde o homem e sua sociedade se apresentam como o foco de seus questionamentos. O tempo, fenômeno ininterrupto que “inunda” a vida de todos parece estar cada vez mais rápido, imensurável ao passo que as relações e dinâmicas existentes no tecido social parecem se tornar cada vez mais imediatas e instáveis.

Como um rio, o tempo passa de forma implacável deixando suas marcas. Suas águas nos tocam a todos, mas não são capazes de serem revisitadas. Essa é a busca da memória. Independentemente de suas intenções e objetivos secundários, a lembrança tem como propósito reviver no devir, mesmo que parcialmente, aquela experiência que nos revela para nós mesmos e para o mundo. A identidade é composta e mantida através dessas memórias, reconhecimentos, experiências, espaços e tempos; vividos entre o passado e o futuro.

A luta de alguns velhos operários da região de Boulogne-Billancourt foi algo que, durante o período de estudos realizados em Paris, se tornou cada vez mais necessário de ser tratada. Este artigo busca, portanto, trazer à superfície o drama vivido por homens e mulheres, antigos operários da Renault parisiense, que buscam construir no mesmo rio que os abrigou por tantos anos uma possibilidade, um direito à memória. Direito à lembrança do trabalho; a uma história vivida coletivamente longe dos “subterrâneos” escavados por Pollak (1989) tão conhecidos pelos que estudam a memória e história da classe trabalhadora.

Fechadas as portas em março de 1992, a fábrica da Renault de Boulogne-Billancourt encerra consigo parte da história da própria França. Local histórico de lutas, greves e realizações de confederações como a Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT) e a Confederação Geral do Trabalho (CGT), essa região localizada ao sudoeste da cidade de Paris deve sua prosperidade e seu vertiginoso crescimento urbano à primeira fábrica Renault instalada ali, na Île Seguin; uma ilha existente no rio Sena.

Entre os anos de 1979 a 1990, o efetivo de seu operariado começa uma vertiginosa e irrevogável queda. Os anos 1980 trazem consigo planos sociais instaurados pela empresa para diminuir voluntariamente seu efetivo de funcionários. Muitos se aposentam precocemente através de acordos ou retornam o país de origem por volta de 1985.²

² ARCHIVES CONFEDERELES CFDT. Cahier INFOS 92, Union départementale CFDT des Hauts-de-Seine. n°176 – 92, février 1992.

Os anos seguintes são de tensa luta contra a maré de decepções vividas pelos que pensavam transmitir seu “*savoir-faire*” operário por mais uma geração. Segundo documentos encontrados nos arquivos da própria CFDT no ano de 1989 o fechamento da fábrica e de todo seu complexo já é pressentido. A sobrevivência parece ser a palavra de ordem. Em carta escrita no dia cinco de dezembro de 1989, a CFDT diz ao apoiar os operários que: “Nós lutaremos pelos homens e não pelos muros dos ateliês e carcaças de máquinas. Os salarizados não têm somente um passado a defender, eles têm, sobretudo, um futuro a ganhar”.³

II. Uma política de arquivos para a instituição sindical

Em 1989 não saberíamos que o passado continua a ser tão ameaçado quanto o futuro destes trabalhadores. Os anos subsequentes mostraram que as lutas pela conservação dos empregos e da fábrica foram em vão. Paris se despedia de mais uma fábrica para dar lugar aos prédios, às lojas, à modernidade.

No ano seguinte um grupo de voluntários ligados à CFDT passou a se debruçar sobre um problema que, com o inquestionável fim da Fábrica Renault de Boulogne-Billancourt, se mostraria real. O que fazer com os arquivos de 45 anos de história sobre os operários Renault? Como salvar parte dessa memória que em vista do que se descortinava à frente, parecia se subjugar ao esquecimento?

A resposta viria pelo apoio da CFDT, consciente do valor simbólico e político que tais arquivos outorgariam aos que lhes reconhecessem devidamente. Um bom recurso para contribuir com a formação e manutenção da identidade (em nível coletivo) militante francesa. Para a própria CFDT, o esforço e urgência de se resgatar os milhares de documentos trariam ao seu portador o direito à memória CFDT da Renault de Boulogne-Billancourt. Uma memória, portanto, marcada por aquela instituição sindical.

É neste período que um de seus militantes, Jacques Brohand, se coloca voluntariamente em atuação em meio ao histórico chão de fábrica juntamente com arquivistas já aposentados (Marie-Thérèse Chabord e Monique Bouscarle) a serviço da própria CFDT

³ Tradução livre do autor: « *Nous nous battrons pour les hommes et non pour les murs des ateliers et les carcasses des machines. Les salariés n'ont pas qu'un passé à défendre, ils ont surtout un avenir à gagner* ». ARCHIVES CONFEDERELES CFDT. Cahier INFOS 92, Union départementale CFDT des Hauts-de-Seine. n°176 – 92, février 1992.

durante os últimos anos de funcionamento da empresa. Ele foi um dos responsáveis por recolher ao máximo os diversos acervos que se dividem entre os diversos prédios, instalações e arquivos da Renault em toda a região de Boulogne-Billancourt.

Sua atividade embora voluntária não era em realizada em vão. Era necessário salvaguardar a memória ameaçada dos trabalhadores e militantes ligados à Boulogne Billancourt e às suas unidades fabris, como era o caso da unidade localizada na Île Seguin. O discurso da instituição sindical sustenta as ações ali realizadas. Para a CFDT, a urgência da situação se justifica pela ameaça real do desaparecimento dos ateliês de Billancourt e da riqueza de sua história sindical.

Dessa maneira, contrariando uma norma fundamental estabelecida pela própria confederação, foi decidido acolher os arquivos Renault Boulogne Billancourt na sede parisiense da CFDT; em seus arquivos confederais (Cf. Battais, 1997).

A CFDT claramente não fazia algo extraordinário às suas regras somente pelo simples fato de haver a necessidade de preservação da história. Havia ali uma possibilidade estratégica; frente ao cenário calcado por algumas desilusões vividas no âmbito da luta sindical da década de oitenta, “a evocação do passado se torna necessária para afirmar sua identidade” (Todorov, 2000, p.180) fortalecendo dessa maneira a própria CFDT; através de seu discurso, de sua imagem, de sua história. Um projeto; uma memória. Ligada à militância na Renault de Boulogne Billancourt se formaria tendo como espinha dorsal a orientação política militante da CFDT.

Esta preocupação não deve ser considerada como algo divergente às práticas sindicais. Há muito tempo, falar de si é falar de um passado. Para a CFDT, assim como outras confederações francesas ou mesmo brasileiras, tais atividades passaram a ser nos últimos trinta anos palco de atuações e outras buscas pelo direito à memória podendo dessa maneira ser as instituições sindicais os cronistas de sua própria história.

III. A luta por uma memória viva: a criação da ATRIS

Tendo sido cerradas as portas da Renault *Boulogne-Billancourt* a luta por memória parece ter sido vencida. Ou ao menos “resfriada”. Não há mais operários; nem fortes sons provenientes das máquinas. Seus antigos trabalhadores já estão velhos; aposentados. Os mais

novos, em outros postos de trabalho. O esforço da empresa Renault de extirpar o ranço contestatário tão conhecido quando nos remetíamos à história francesa da classe operária foi bem sucedido. Jaz no rio Sena a *Île Seguin*; um baluarte da resistência operária e de sua história de greves.

Este local é hoje o cenário de uma reivindicação posta pelos que perderam a batalha pela sobrevivência de seus trabalhos. Construir um “lugar de memória” se põe como desafio aos velhos trabalhadores que, imbuídos por este desejo memorial de que fala Nora (1993, p. 7), buscam junto à sociedade civil a possibilidade de serem “reconhecidos” (Honneth, 1996), em sua história.

Através da Associação de Antigos Trabalhadores Renault da *Île Seguin* da região de Boulogne Billancourt (ATRIS), homens e mulheres pretendem não deixar com que os portões da Renault da *Île Seguin* e do resto de Billancourt se fechem por completo em suas lembranças e nas da população parisiense.

Para entendermos o cenário que a criou é preciso compreender dois momentos importantes para tal. O encontro que precedeu a criação da ATRIS foi, segundo seu próprio presidente, Mohamed Amri, algo naturalmente desejado por seus companheiros que buscavam notícias dos licenciados, demitidos ou precocemente aposentados; e demandado no momento que a vida na fábrica já não era uma realidade para muitos.

Nós começamos a discutir entre nós. Começamos a dizer entre nós: — Ele está aonde? E ele, foi para onde? (...) Nós estávamos dentro da Fábrica, nós trabalhávamos... E, um dia... Eu disse a um companheiro; eu lhe disse: — Escute, e se nós organizarmos um almoço. E chamamos os companheiros? Por que não? Então, nós tínhamos alguns telefones, alguns endereços e escrevemos para alguns outros. Encontraram-se 45 pessoas em um restaurante. (...) Havia pessoas que não se viam por três anos, desde o tempo da redução. Que choraram porque, como lhe expliquei há pouco, éramos como uma família. E todos esses que estavam lá: — Espere! É preciso que continuemos a nos ver!... No ano posterior nós éramos 150! (Entrevista).⁴

O almoço realizado apenas para reencontrar antigos amigos de trabalho gerou no grupo de trabalhadores um desejo maior. De luta pelo seu próprio passado independentemente de instituições sindicais, organismos públicos ou privados. Para aqueles primeiros 45 companheiros e os demais que viriam a se juntar a causa, o direito à memória tornava-se um

⁴ Entrevista realizada com Amri Mohamed. Ex operário Renault de *Île Seguin*; Presidente da ATRIS. Concedida ao autor em 11/06/2008. (Tradução livre do autor).

meio pelo qual a Renault Boulogne Billancourt, da Île Seguin não seria jamais demolida em suas lembranças, como seria na vida real.

A partir dali um grande esforço coletivo se iniciou buscando junto a prefeitura da região de Boulogne Billancourt a posse do terreno da fábrica da Île Seguin com a intenção de se construir ali um centro; um lugar de referência para a história daqueles trabalhadores.

Todos falavam dos carros, (...) de tudo isso; e esquecíamos dos homens e mulheres que haviam feito a grandeza da Renault... Então, nós como trabalhadores, nós dissemos os homens e mulheres porque a história da Renault é de mais que cem anos, depois de um século, e há pessoas que trabalharam; pessoas que morreram; pessoas que.. Tudo isso; e nós dissemos que é preciso uma memória dessas pessoas! Desses homens e mulheres... Havia umas cinquenta e cinco nacionalidades que se cruzavam nesta fábrica e... Dos quatro cantos do mundo e... Nós havíamos dito que é preciso guardar essa memória. (...) Sem esquecer, sem esquecer a indústria; sem esquecer a Renault... Mas também os homens e mulheres! (Entrevista).⁵

A associação somente se tornou realidade em junho de 1998 quando a ATRIS criava seu estatuto. Sua intenção maior era criar através da égide da memória um meio de manter a solidariedade que lhes era tão presente no tempo de fábrica os identificando como uma família, segundo o senhor Amri.

Quando a fábrica fechou, as pessoas se dispersaram. Houveram os que foram trabalhar em outras fábricas; os que se licenciaram; os que partiram [para o país de origem]; que se aposentaram e ficaram em casa; que foram para a África; para o Magreb; (...) mesmo a América Latina ou outros (...) E nós queríamos, com esta associação, guardar essa memória. Por que nem Renault, nem a cidade de Boulogne (...) Ninguém quis se ocupar desta memória. (Entrevista).⁶

Nos últimos anos a ATRIS não apenas procurou se ocupar desta parte da memória, esquecida por muitos setores da sociedade como se tornou referência no cenário parisiense. Sua atuação se estende por escolas francesas e exposições, buscando partilhar essa memória com jovens que são de uma geração por demais recente. São matéria de diversos jornais como o *Le Parisien* ou o *Le Monde*, tendo como foco sua luta contínua pelo direito erguer ali em parte do terreno da Île Seguin sua sede com um centro e museu referente aos trabalhadores da Renault Boulogne Billancourt.

⁵ Entrevista realizada com Amri Mohamed. Ex operário Renault de Île Seguin; Presidente da ATRIS. Concedida ao autor em 11/06/2008. (Tradução livre do autor).

⁶ Ibidem.

Recentemente a ATRIS realizou um seminário, no ano de 2008, com o intuito de discutir as estratégias e parcerias com outros organismos e com o próprio setor público para efetivamente viabilizar seu projeto principal: seu lugar de memória na Île Seguin. Sua persistência em não se ligar às confederações como CFDT ou mesmo CGT, além de partidos políticos, é a marca de uma associação quase que “familiar” constituída por estes solidários ex-operários que buscam no “trabalho de memória” ser fiéis aos seus companheiros já esquecidos.

IV. Referências

- ARCHIVES CONFEDERELES CFDT. Fond RENAULT BOULOGNE BILLANCOURT.
- BATTAIS, Louisette. Les archives du syndicat Renault des travailleurs de l'automobile. Janeiro de 1997. In : ARCHIVES CONFEDERELES CFDT. Paris.
- HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1950.
- HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris : Albin Michel, 2004.
- HARTOG, François. REVEL, Jacques. **Les usages politiques du passé**. Paris: EHESS, 2001.
- HONNETH, Axel. **The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflicts**. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1996.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- NOIRIEL, Gérard. **Les Ouvriers dans la société française, XIXe-XXe siècle**. Éditions du Seuil, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares; **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. 10. São Paulo. (1993): 7-27.
- RICOEUR, Paul. **La Mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Parcours de la reconnaissance**. France: Folio, 2005.
- SEGUY, Georges. 20 ans après. In: **Les cahiers de l'institut CGT d'histoire sociale**. N.81, mars 2002.
- ROSANVALLON, Pierre. **La question Syndicale**, Paris: Hachette, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Du contrat social**, Introduction, notes et commentaires de Maurice Halbwachs, Paris, Aubier Montaigne, 1943.
- TODOROV, Tzvetan. **Mémoire du mal, tentation du bien: enquête sur le siècle**. Robert Laffont, 2000.